



**SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# **Clipping Local e Nacional On-line**

Nesta edição 10 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

<b>JORNAL DO COMMERCIO</b> CRISE - Governo argentino responde duramente à crítica de Pimentel ..... VEICULAÇÃO LOCAL	1
<b>JORNAL DO COMMERCIO</b> PIM - Faturamento não acompanha investimentos ..... VEICULAÇÃO LOCAL	2
<b>FOLHA DE SÃO PAULO</b> "Economist" cita Brasil entre países "capitalistas de Estado" ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	4
<b>O GLOBO</b> Argentina rebate críticas de ministro brasileiro ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	5
<b>UOL ÚLTIMAS NOTÍCIAS</b> Empresas de Manaus retomam briga contra São Paulo ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	6
<b>ESTADAO.COM</b> Ministra argentina diz que Brasil é protecionista ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	7
<b>ESTADAO.COM</b> Previsão para alta do PIB do Brasil cai de 3,6% para 3% ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	8
<b>FOLHA.COM</b> Argentina refuta ser problema para o Brasil ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	9
<b>O PAIS</b> Uruguai negocia "linha por linha" pelos obstáculos da Argentina ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	10
<b>CORREIO SANTA FÉ</b> Alckmin desmente mudança de entreposto da Zona Franca ..... VEICULAÇÃO NACIONAL	12

	VEÍCULO JORNAL DO COMMERCIO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>CRISE - Governo argentino responde duramente à crítica de <u>PIM</u>entel</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

**Ministra argentina Débora Giorgi disse que a realidade do comércio bilateral entre Argentina e Brasil não condiz com os comentários de PIMentel Redação**

A ministra de Indústria da Argentina, Débora Giorgi, criticou fortemente a declaração do ministro do Mdic (Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) do Brasil, Fernando PIMentel, de que o país é um problema permanente. Em nota distribuída à imprensa, Giorgi afirmou que a realidade do comércio bilateral entre Argentina e Brasil não condiz com os comentários realizados por PIMentel.

Segundo ela, a Argentina foi responsável por 19,5% do superávit comercial do Brasil em 2011, de quase US\$ 30 bilhões. Além disso, continuou Giorgi, no último ano, o déficit da balança comercial da Argentina com o Brasil foi de US\$ 5,8 bilhões e as compras de produtos brasileiros por parte do mercado argentino tiveram expansão de 23% em relação a 2010, com US\$ 22,71 bilhões. Nas relações comerciais com o Brasil, tanto bilaterais como no âmbito do Mercosul, sempre seguimos as pautas normativas dos tratados regionais e as

normas da OMC (Organização Mundial do Comércio), disse a ministra argentina. Com um forte tom de reclamação, Giorgi disparou: Argentina busca reequilibrar o comércio e a industrialização regional, requerendo o acesso ao mercado brasileiro e pedindo a eliminação das múltiplas barreiras não tarifárias existentes para a entrada de nossos produtos ao país vizinho, ao mesmo tempo em que defendemos nossos produtos da concorrência desleal implícita nos incentivos à produção, a exportação e o investimento.

Giorgi argumentou ainda que as medidas adotadas pelo governo de Cristina Kirchner na área de comércio exterior buscam o emparelhamento de um processo de industrialização que havia ficado atrasado porque, antes de 2003, não tínhamos um modelo como o conduzido pela presidente que fez da indústria o eixo da inclusão social.

Redação

	VEÍCULO JORNAL DO COMMERCIO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>PIM - Faturamento não acompanha investimentos</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Pelo menos 11 setores industriais dobraram investimentos nos últimos cinco anos, mas resultado não representa necessariamente crescimento da atividade por Juliana Geraldo Além do polo de duas rodas, outros dez segmentos menores dobraram os investimentos nos últimos cinco anos de acordo com os indicadores da **Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus)**. Juntos, eles somaram US\$ 4,66 bilhões em 2011, o que, mesmo sem os dados fechados de dezembro, representa um crescimento de 125,47% na comparação com 2006 (US\$ 2,07 bilhões), quando teve início a série histórica da autarquia.

Embora o faturamento e a mão de obra empregada também tenham crescido, o aumento de investimentos não significa necessariamente, crescimento na produtividade e no lucro, podendo causar uma sensação de falsa prosperidade, lembram entidades representantes dos setores.

O setor termoplástico, por exemplo, que em 2006 investiu US\$ 509,4 milhões, aplicou 123,60% a mais no ano passado (US\$1.14 bilhão), e 19,8% na comparação com o montante empregado em 2010. Enquanto isso, o faturamento aumentou 43,7% e a mão de obra passou de 8,4 mil trabalhadores para 10,2 mil (+21,2%).

O maior crescimento foi em 2007 e 2008. Em 2010 e 2011 tivemos investimentos sobretudo em máquinas e equipamentos, uma vez que os industriários se preocuparam em renovar as máquinas pois elas garantem em torno de 30% a mais na produtividade. Mas o faturamento não acompanha, avalia o presidente do Simplast (Sindicato da Indústria do Material Plástico do Estado do **Amazonas**), Carlos Alberto Monteiro.

Ele conta que os empresários do setor continuam enfrentando a forte concorrência com os produtos asiáticos e que já neste mês novos estudos de investimentos em maquinários estão em andamento. Mas será para continuar atendendo a demanda ociosa resultante do fechamento de duas empresas do setor. Então não é que temos demanda

extra. Às vezes, podemos passar essa falsa impressão de que está tudo bem, complementou.

O segmento metalúrgico, responsável pela **produção** de componentes e peças para o polo de duas rodas, por sua vez investiu até novembro de 2011, o equivalente a US\$ 567,88 milhões, quase 200% a mais em relação a 2006, quando o montante aplicado foi de US\$ 190,70 milhões.

O setor metalúrgico cresce porque o polo de duas rodas cresce, então um deveria acompanhar o outro, mas a proporção nem sempre é igual. Os números, são frios e por vezes não passam a real situação individual das empresas, ponderou o presidente do Sinmen (Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Materiais Eletrônicos de **Manaus**), Athaydes Mariano Félix.

O consultor empresarial das empresas do **PIM**, Teruaki Yamagishi, explica que um dos principais motivos para os investimentos não retornarem como deveriam, é justamente a falta de competitividade em relação aos **importados**. Os fabricantes de produtos acabados terminam adquirindo os **importados**, pois o custo é muito inferior e por isso esses segmentos menores não crescem na mesma medida. Só uma política industrial bem estruturada será capaz de reverter essa situação e dar competitividade a esses setores, afirmou.

### Grandes investimentos

Outros setores também investiram pesado nos últimos anos. Entre eles, o polo relojoeiro que aplicou, até novembro do ano passado, a cifra de US\$ 104,5 milhões, 94,6% a mais no confronto com 2010 e 133% superior ao investido em 2009. O valor do ano passado é maior do que o investimento dos dois anos somados (US\$ 98,5 milhões)

O presidente do Sinrom (Sindicato da Indústria de Relojoaria e Ourivesaria de **Manaus**), Nelson Azevedo que o desempenho foi satisfatório e o aumento de investimentos necessário para suportar a **produção**. Mesmo assim mantemos cautela para a euforia não ser grande demais.

Ainda sofremos com a pirataria e os produtos da China. De qualquer forma a economia nos estimula e nos encaminha para um 2012 que tenha um resultado pelo menos igual ao do ano passado , analisou.

O polo naval também merece destaque. Em 2011, foram US\$ 15,7 milhões aplicados contras os US\$ 433,1 mil de 2006. Já o segmento mais recente do **PIM**, o de beneficiamento da borracha, iniciado em 2010, já investiu US\$ 457,62 contra os US\$ 251,3 relativos a 2010.



VEÍCULO  
FOLHA DE SÃO PAULO

EDITORIA

TÍTULO  
**"Economist" cita Brasil entre países "capitalistas de Estado"**

ORIGEM  
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE  
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO  
NACIONAL

**A revista britânica "The Economist" citou o Brasil entre os países emergentes adeptos de uma nova forma de "capitalismo de Estado".**

Capa da edição nas bancas, o texto sustenta que os Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) engendraram um novo tipo de empresa híbrida, apoiada pelo Estado, mas que se comporta como empresa do setor privado.

A revista assinala que, na década de 1990, acreditava-se que as estatais, pouco competitivas, seriam fechadas ou privatizadas. Porém, elas foram responsáveis por

1/3 dos investimentos estrangeiros diretos nos países emergentes entre 2003 e 2010.

A "Economist" diz que o governo brasileiro, que abraçou a privatização nos anos 1990, agora interfere em decisões de Petrobras e Vale, e transforma empresas menores em campeãs nacionais.

O artigo aponta fraquezas no modelo, como o fato de empresas com apoio do Estado ocasionarem perda de competitividade nas rivais.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Argentina rebate críticas de ministro brasileiro</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### País vizinho quer mais acesso

**Janaína**

**Figueiredo**

janaina.figueiredo@oglobo.com.br

BUENOS AIRES. Um dia depois de ter sido divulgada uma entrevista na qual o ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**, Fernando **PIM**entel, assegurou que no âmbito das negociações comerciais "a Argentina tem sido um problema permanente", a Casa Rosada respondeu acusando o **Brasil** de limitar a entrada de produtos argentinos a seu **mercado**. A encarregada de manifestar a posição do governo Cristina Kirchner na nova disputa comercial entre os dois principais sócios do **Mercosul** foi a ministra da Indústria, Débora Giorgi.

Em tom firme e visivelmente irritada, a ministra argentina, que em dezembro passado recebeu **PIM**entel em Buenos Aires, assegurou que "no âmbito comercial a Argentina busca reequilibrar o **comércio** e a industrialização **regional**, requerendo acesso ao **mercado** brasileiro e pedindo a eliminação das múltiplas barreiras não tarifárias existentes para a entrada de nossos produtos ao país vizinho". Longe de botar panos quentes no assunto, Débora assegurou que "os comentários (de **PIM**entel) não correspondem à realidade do **comércio** bilateral entre Argentina e Brasil". A ministra, que no segundo mandato da presidente Cristina Kirchner perdeu

poder no controle do **comércio** exterior, lembrou que o superávit comercial do **Brasil** com a Argentina alcançou cerca de US\$5,8 bilhões, no ano passado.

Desde dezembro 2011, o controle das **importações** está em poder do secretário de **Comércio** Interior, Guillermo Moreno, que seria o mentor das novas medidas protecionistas anunciadas pelo país semana passada e que entrarão em vigência no próximo dia 1º de fevereiro. A partir do mês que vem, os **importadores** argentinos deverão apresentar uma Declaração Juramentada Antecipada à Afip (a Receita Federal argentina), que poderá autorizar ou não as operações. A iniciativa foi considerada problemática pelos **importadores** e provocou a reação do Brasil.

O presidente da União Industrial Argentina (UIA), José Ignacio de Mendiguren, forte aliado do governo Kirchner, disse ontem que a queixa de **PIM**entel "foi exagerada":

- Os números do **comércio** bilateral não justificam essa reclamação.

Para o presidente da UIA, com um superávit de quase US\$6 bilhões com a Argentina, o **Brasil** não tem motivos para criticar a política comercial da Argentina:

- No atual contexto de crise mundial, não conheço um só país que não administre seu **comércio**.

	VEÍCULO UOL ÚLTIMAS NOTÍCIAS	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Empresas de <u>Manaus</u> retomam briga contra São Paulo</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Autoridades do estado do Amazonas voltaram a protestar contra o governo paulista, que decidiu conceder incentivos fiscais à produção de tablets no estado. Empresários e políticos amazonenses estão pressionando a Procuradoria-Geral da República para barrar a concessão, que consideram inconstitucional. O processo está em andamento desde 29 de novembro último.**

Na semana passada, durante a cerimônia de posse do novo chefe da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), Thomaz Nogueira, representantes do governo e da indústria local discursaram criticando o governo de São Paulo. Segundo eles, a concessão de incentivos só poderia ser efetivada após aprovação do Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária), que reúne secretários de Fazenda de todos os estados.

Segundo dados do governo amazonense, o Polo Industrial de Manaus vem registrando queda nas vendas de eletrônicos devido à concessão de benefícios em outras regiões do país, no fenômeno conhecido como "guerra fiscal". Além disso, o Amazonas pode perder para São Paulo cinco projetos industriais para produção de tablets, se a medida não for revista.

Por esses motivos, o governo amazonense entrou com uma Adin (Ação Direta de Inconstitucionalidade) junto à Procuradoria, que ainda não se pronunciou. No Amazonas, cinco fabricantes já tiveram aprovados seus projetos para montagem de tablets: CBTD (antiga Gradiente), Digibrás (CCE), Greenworld, Positivo e Samsung. A estimativa é de que essas empresas irão investir R\$ 405,3 milhões no Polo Industrial de Manaus, gerando mais de 300 empregos diretos.

	VEÍCULO ESTADAO.COM	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Ministra argentina diz que <u>Brasil</u> é protecionista</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Débora Giorgi reage à afirmação feita pelo ministro PIMentel de que a Argentina é um 'problema permanente' MARINA GUIMARÃES , CORRESPONDENTE / BUENOS AIRES - O Estado de S.Paulo**

O governo da presidente Cristina Kirchner criticou fortemente a declaração do ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, Fernando PIMentel, de que "a Argentina é um problema permanente". O ministro fez o comentário em entrevista à agência Dow Jones, na terça-feira.

Em nota distribuída à imprensa, a ministra de Indústria da Argentina, Débora Giorgi, afirmou que "a realidade do comércio bilateral entre Argentina e Brasil não condiz com os comentários feitos por PIMentel".

A ministra ressaltou que a Argentina foi responsável por 19,5% do superávit comercial de quase US\$ 30 bilhões obtido pelo Brasil em 2011. Além disso, continuou Débora, no último ano, o déficit da balança comercial argentina com o sócio foi de US\$ 5,8 bilhões. As compras de produtos brasileiros pelo mercado argentino cresceram 23% em relação a 2010, com US\$ 22,71 bilhões, detalhou.

A ministra argentina alegou que as medidas que restringem as importações em seu país "seguem as normas dos tratados regionais e da Organização Mundial do Comércio (OMC)". Porém, a ministra não justificou a demora de mais de 60 dias - período máximo determinado pela OMC - para autorizar a importação de milhares de produtos brasileiros, entre eles os eletrodomésticos de linha branca, máquinas e equipamentos agrícolas, têxteis e outros.

Com um forte tom de reclamação, Débora acusou o Brasil de protecionismo. "A Argentina busca reequilibrar o comércio e a industrialização regional, requerendo o acesso ao mercado brasileiro e pedindo a eliminação das múltiplas barreiras não tarifárias existentes para a entrada de nossos produtos no mercado vizinho, ao mesmo tempo em que

defendemos nossos produtos da concorrência desleal implícita nos incentivos à produção, à exportação e ao investimento."

Engessamento. Os analistas argentinos preveem um período de fortes conflitos comerciais no Mercosul, especialmente entre o Brasil e a Argentina, em consequência da exigência de uma declaração prévia à ordem de compra. A medida entrará em vigor no primeiro dia de fevereiro. "Se a Argentina não excluir o Brasil e o Uruguai do novo mecanismo que burocratiza as importações, haverá importantes atritos entre os parceiros, que poderiam provocar retaliações", avaliou Raúl Ochoa, especialista em integração e ex-secretário de Comércio Exterior. Ele disse ao Estado que a medida vai engessar o comércio.

Na avaliação do economista-chefe da Fundação de Investigações Econômicas Latino-americanas (Fiel), Juan Luis Bour, o governo argentino não deverá abrir exceções porque as restrições são uma solução de curto prazo para manter o superávit comercial do país a qualquer preço. "As disputas comerciais serão mantidas, e vamos ver muitas queixas por parte dos sócios, especialmente porque há outras restrições que não são tão visíveis, como a proibição para que as empresas não enviem os lucros ao exterior", disse Bour.

A escalada da tensão comercial com o Brasil já começa a preocupar os empresários argentinos. Com a memória ainda fresca do bloqueio sofrido pela indústria automobilística local no ano passado, com centenas de veículos argentinos acumulados na fronteira, o presidente da Fiat Argentina, Cristiano Rattazzi, apelou para o espírito do Mercosul. Em entrevista ao Estado, Rattazzi opinou que os dois países "precisam limar qualquer tipo de aspereza e resgatar o espírito inicial do Mercosul, que é o de integração total da região para conquistar outros mercados e fazer acordos de comércio com outros países".

	VEÍCULO ESTADAO.COM	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Previsão para alta do <u>PIB do Brasil</u> cai de 3,6% para 3%</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

#### O Estado de S.Paulo

O Fundo Monetário Internacional (FMI) avalia que as economias de países emergentes também sofrerão deterioração em 2012 e 2013. Para este ano, a média é de uma expansão de 5,4%, ante projeção de 6,1% em setembro. Para 2013, o crescimento previsto é de 5,9%.

Para o Brasil, o FMI espera alta de 3% em 2012, ante estimativa de 3,6% há quatro meses. A previsão é mais negativa que a do Banco Mundial e a do governo, que fala em 4% a 4,5%. Para 2013, a expectativa é de 4%.

Segundo o FMI, o impacto em 2012 no Brasil será sentido na perda de vitalidade do mercado doméstico. "O crescimento nos mercados emergentes sofrerá desaceleração por causa do ambiente externo deteriorado e por uma queda na demanda doméstica", alertou o Fundo.

Entre os países do Brics, a China é o que mais crescerá, com 8,2% em 2012 e 8,8% em 2013. O FMI estimava que a China poderia manter expansão de 9%, mas reviu a avaliação. Para a Índia, o Fundo espera expansão de 7% e, para a Rússia, 3,3%. / J.C.

	VEÍCULO FOLHA.COM	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Argentina refuta ser problema para o Brasil</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

## DE BUENOS AIRES

As palavras do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio brasileiro, Fernando PIMentel, anteontem, em Nova York, causaram repercussão na imprensa e entre empresários na Argentina, informa reportagem de Sylvia Colombo publicada na Folha desta sexta-feira.

A íntegra está disponível para assinantes do jornal e do UOL (empresa controlada pelo Grupo Folha, que edita a Folha).

O ministro disse que, para o Brasil, a Argentina vem sendo um "problema permanente", referindo-se às recentes medidas protecionistas adotadas por este país.

A ministra da Indústria argentina, Debora Giorgi, disse ontem, por meio de um comunicado, que a realidade do comércio bilateral entre Argentina e Brasil não corresponde ao comentário. Giorgi lembrou o superavit favorável ao Brasil

--atualmente de US\$ 6 bilhões-- e o quanto as compras argentinas de produtos brasileiros aumentam.

"Nas relações comerciais com o Brasil, tanto bilaterais como no âmbito do Mercosul, sempre seguimos pautas normativas dos tratados regionais e normas da Organização Mundial do Comércio."

O presidente da União Industrial Argentina, José Ignacio de Mendiguren, reagiu: "Os números do comércio entre ambos mostra que essa declaração é injusta".

Leia mais na edição da Folha desta sexta-feira.

	VEÍCULO O PAIS	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Uruguaí negociam "linha por linha" pelos obstáculos da Argentina</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

## Brasil. Relações comerciais com o governo K tem sido um "eterno problema"

**ANDREW OYHENARD**

Uma missão do governo uruguaio para viajar à Argentina para negociar "linha por linha" mês dos obstáculos ao **comércio** bilateral. **Brasil** entrou em campo e disse que as relações comerciais com o seu principal parceiro é um "problema crônico".

Política comercial da Argentina está se desgastando as relações comerciais do **Mercosul**. Apesar do "tuning" política dos governos dos quatro países, as diferenças com o modelo econômico a ser implementado pelo Executivo Cristina Fernandez, está gerando mais e mais "shorts".

Após o fracasso na última cimeira do **Mercosul** para chegar a acordo sobre um sistema de quotas para a troca de bens, que foi rejeitada pela Argentina, o governo uruguaio está apostando na negociação bilateral "linha por linha" para encontrar uma solução para os obstáculos às **exportações** local, El Pais, disse ontem o ministro da Indústria, Roberto Kreimerman. Assim, uma missão dos **Ministérios** da Economia, Indústria e **Ministério** das Relações Exteriores vai viajar para o mês shore nas proximidades para se reunir com seus pares e negociar. Ministro da Indústria, disse que o primeiro item da agenda será o atraso de 79 licenças de roupa por US \$ 5 milhões, porque a empresa "não pode continuar a produzir uma imagem de incerteza sobre as suas vendas", disse ele.

"O informal costuma ter recebido até o momento (da Argentina) é que não haveria problemas para a circulação de produtos que não afetam o seu **mercado**", disse Kreimerman.

Por sua parte, o subsecretário de Economia, Luis Porto, disse ao El País que está trabalhando com as autoridades em terra vizinhas para "facilitar a circulação de **mercadorias**. Há uma coisa que não é menor e é isso que promove o **Mercosul** é o livre **comércio** eo livre **comércio** estão entre os nossos países e assuntos de tarifas é clara ", disse ele.

De acordo com o chefe, devemos analisar cada uma das situações. "Há muitos detalhes técnicos que devem ser vistos para cada produto. Você tem que ver o que os argumentos do outro país e preparar profissionais para

trabalhar e conversar", disse ele. Ele reconheceu que as medidas da Argentina não afetam o **comércio** em si, mas aumentar o custo de circulação de **mercadorias**. "É claro que estas medidas são barreiras administrativas à circulação de **mercadorias** que impõem custos adicionais para os **exportadores** ou **importadores**", acrescentou.

Choque. Até agora, o **Brasil** só havia transmitido o seu desagrado por novas barreiras à **importação** de bens que a Argentina está a implementar através da sua incapazes industrial a entrar os seus produtos como fizeram meses atrás. No entanto, ontem, disse ao site reuniu o ministro da Dow Jones do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior do Brasil, Fernando **PIMentel**, que disse que "a Argentina tem sido um problema crônico".

"Temos boas relações políticas, mas economicamente, é difícil lidar com eles", disse ele. A crítica surge a partir da decisão da AFIP para exigir um avanço **importação** depoimento para qualquer compra de **mercadorias** no exterior para governar a partir de 1 de Fevereiro. **PIMentel** disse que não iria negociar com a Argentina até que ele entra nesse rigor parancelaria nova disposição.

O governo argentino reagiu rapidamente a estas declarações. Ministro da Indústria, Debora Giorgi, disse que "a realidade do **comércio** entre Argentina e **Brasil** não vale a pena os comentários feitos por **PIMentel**," de acordo com **Ámbito.com** apropriado. O funcionário explicou que a Argentina representaram 19,5% do superávit comercial do **Brasil** em 2011 e no ano passado o déficit com o país vizinho foi EUA \$ 5.800 milhões e as compras da Argentina ao **Brasil** cresceu 23% em relação a 2010. Giorgi explica que a Argentina "busca reequilibrar o **comércio** e industrialização **regional**, que requerem o acesso ao **mercado** brasileiro e pedindo a eliminação das barreiras existentes para muitos parancelarias entrada de nossos produtos para o país vizinho, enquanto nós defendemos a nossa **produção** da concorrência desleal incentivos implícitos na **produção, exportação** e investimento. "

Enquanto isso, numa conferência de imprensa o diretor da AFIP, Ricardo Echegaray, disse que não tinha "alarmado" pelo novo sistema de controles de **importação**, porque outros

países já aplicá-la. Ele observou que os EUA tem um regime similar aplicada desde 2003 e da União Europeia começou a implementar em 2011. "Talvez (algumas) pessoas estão declarando suas opiniões sobre o que poderia acontecer como resultado de uma ferramenta que é arte. Vejo nenhum problema com isso, mas, novamente, acho que temos de olhar para isto de um ponto de vista profissional e técnico ", disse Echegaray.

Aneidota. Uma anedota sobre como fortalecer a Argentina optou por protecionismo para enfrentar seu déficit comercial já é de conhecimento comum entre os empresários uruguaios e funcionários do governo.

De acordo com duas fontes comentou El País, em uma reunião exclusiva, que levou o presidente, Cristina Fernandez, vice-presidente, Amado Boudou, os ministros da Indústria e Economia, Debora Giorgi e Hernan Lorenzino, respectivamente, o presidente do Banco Central, Mercedes Marco del Pont eo secretário de **Comércio** Interior controversa Guillermo Moreno, "o problema foi resolvido muito rapidamente."

Na reunião, Del Ponte manifestou preocupação com o déficit comercial e sugeriu que era necessário encontrar uma solução. Dado o silêncio dos participantes, Moreno tomou a palavra e disse: "Deixe-me à ordem", sem dar mais detalhes. Ninguém se opôs, e agora controla as **importações** controversas Moreno.

Baixo nível de diplomatas que trabalham com margem vizinhos

Ministro das Relações Exteriores Luis Almagro, admitiu que os diplomatas têm vindo a negociar com as questões controversas Argentina não estão suficientemente preparados para a tarefa. Pesquisar Almagro disse o semanário é por isso que o **Ministério** das Relações Exteriores procurará reforçar este serviço no futuro. "Em nossa opinião a negociação deve ser permanente, mas estamos claro que eles são um país que

tem acontecido, muitas vezes bem estudado e bem fundada, e, nesse contexto, temos que treinar nossos quadros", reconheceu.

O presidente da Comissão de **Comércio** Exterior da Câmara de Indústrias, Rafael Sanguinetti, concordou com o diagnóstico de que o chanceler fez Almagro. "Claramente, precisamos de mais habilidades técnicas para negociar com a Argentina. Os negociadores argentinos são fortes e resistentes, e estão agora em uma linha muito arbitrária", disse El País.

O industrial acrescentou que diplomatas argentinos estão "em pé sobre os pedais com as políticas protecionistas que visam a substituição de **importações** como um oficial apoiado (Guillermo) Moreno que centraliza todas as autorizações para **importação**." Sanguinetti disse que havia "grande preocupação" no setor para as consequências desta política no futuro. "A indústria não tem outra alternativa. Nosso Plano B foi o **Mercosul**. Fomos porque esse era o nosso plano B. Por isso saímos mais fortes com um **mercado** interno de 200 milhões de pessoas para vender no exterior. Queremos respeitar o que é assinado. Se não for feito, o governo uruguaio para tomar as medidas adequadas ", afirmou Sanguinetti.

Por seu turno, o deputado nacional, Álvaro Delgado, disse a ser negociado ao mais alto nível político, porque a Argentina não teve resultado **monitoramento** de negócios. "Aqui não devemos contar os US \$ 5 milhões de roupas. Há também muitas empresas que não conseguiram **exportar**", disse ele. De acordo com Delgado, o **Ministério** das Relações Exteriores "não suportado" o **Ministério** da Indústria a nível bilateral.

El País Digital

	VEÍCULO CORREIO SANTA FÉ	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Alckmin desmente mudança de entreposto da <u>Zona Franca</u></b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O secretário da Fazenda em exercício, Philippe Duchateau, desmentiu ontem ao Diário a intenção de levar o entreposto da Zona Franca de Manaus para qualquer outra região do Estado que não a cidade de Rio Preto. Ele disse que procurou o jornal por ordem expressa do governador Geraldo Alckmin (PSDB) para comunicar a informação.

“Não há nenhum estudo em andamento para instalar o entreposto em outra região do Estado”, afirmou. O secretário explicou que os estudos técnicos de viabilidade do centro de distribuição continuam e que ainda devem levar tempo para serem concluídos.

“O último ato do governo foi a assinatura do protocolo e os estudos seguem no âmbito interno da Secretaria da Fazenda”, afirmou o secretário. Duchateau disse ainda que o governo paulista não pretende entrar em contato com o governo do Amazonas por enquanto. “Não há qualquer interlocução com o governo do Amazonas e também desconheço a razão que levou o Amazonas a dar essa informação”, disse.

#### **Esfriamento**

Entretanto, durante visita a Rio Preto, ontem, o senador Aloísio Nunes (PSDB) lamentou a notícia de que Rio Preto perderia o entreposto, empreendimento que significa uma plataforma de novos serviços para a região, como transporte e logística, o que geraria novos empregos. Diferente do que disse Duchateau, Aloísio disse que já havia sentido um esfriamento por parte do governo em relação ao assunto porque não iria trazer muita receita ao Estado.

“Com a mudança de governo, o assunto entrou em compasso de espera. Falei com o secretário da Fazenda, Andrea Calabi. Ele disse que não tinha muito entusiasmo porque não iria trazer muita receita para o Estado.” O senador afirmou ainda que sabe que o projeto não engrenou e que o atual secretário da Fazenda mostrou frieza em relação ao assunto. “Não é uma questão de competência do município. Não vejo responsabilidade do Valdomiro”, disse. Aloísio afirmou que vai retomar a discussão do assunto.

#### **Estoques ficariam isentos até a venda**

O acordo para a instalação do centro de distribuição em Rio Preto foi firmado entre os governos de São Paulo e do Amazonas em setembro de 2010, pelo então governador Alberto Goldman. O protocolo de intenções previa que os produtos poderiam ficar estocados em território paulista como se estivessem na Zona Franca, sem desembolso dos impostos estaduais até a venda efetiva das mercadorias.

Nesta semana, em resposta à consulta do Diário, a Agência de Comunicação do Amazonas enviou nota informando que o atual governo paulista, sob comando de Alckmin, comunicou ao governo amazonense que discordava da escolha de Rio Preto para receber o entreposto já que haveria outras áreas de maior viabilidade econômica no Estado.

De acordo com a Fazenda do Amazonas, o protocolo previa a instalação de um armazém alfandegário nos mesmos moldes que o Estado do Amazonas já implantou em Resende (RJ) e Uberlândia (MG), a fim de escoar a produção do Polo Industrial de Manaus para as demais regiões do País, o que proporcionaria ganho logístico.

O protocolo assinado pelo governador Goldman em Rio Preto permitiria que fossem feitos estudos de viabilidade econômica da entrada de mercadorias no Estado em regime de suspensão tributária, para armazenamento e posterior comercialização nas regiões Sul e Sudeste.

#### **Valdomiro tenta amenizar notícia**

“Na próxima vez que estiver em São Paulo e tiver a oportunidade de falar com ele (o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin) vou tocar nesse assunto”. A afirmação é do prefeito de Rio Preto, Valdomiro Lopes (PSB), ao ser questionado ontem sobre o que faria em relação à notícia de que o governo paulista teria indicado ao governo do Amazonas que não instale um entreposto da Zona Franca de Manaus em Rio Preto, mas em outro local ainda indefinido. O prefeito afirmou que há entraves políticos ligados à questão da transferência do centro de distribuição da Zona Franca para outro município paulista.

Segundo Valdomiro, Alckmin teve 58% dos votos no primeiro turno em Rio Preto e, além disso, o PSDB é um aliado

do governo local, que o ajudou a ganhar as eleições e ajuda a governar a cidade. “Acredito que o governador tenha uma grande gratidão por Rio Preto. Ele deve gostar muito de Rio Preto.” Valdomiro também repetiu que não há qualquer mudança em relação à instalação do entreposto em Rio Preto

e que não houve qualquer manifestação do Estado, de qualquer esfera que seja. “Não fui comunicado de nada. Oficialmente, digo que não há nada.”